
ÍNDIOS KADIWÉU: RIVALIDADE E COMPETITIVIDADE, DIFERENTES SENTIDOS ENTRE DUAS MEMÓRIAS

Marina Vinha

Resumo

Pesquisas de campo realizadas na Aldeia Bodoquena, no Mato Grosso do Sul, indicam que significados diferentes permeiam os sentidos de “competitividade” e “rivalidade” entre os índios Kadiwéu. Na prática dos jogos ancestrais havia a rivalidade e a “luta” teria a função de controlar as emoções. No esporte (futebol), atividade recente no Brasil - na segunda metade XIX - e praticado entre os Kadiwéu nos últimos 17 anos, há a competitividade e, esta não equilibra internamente as tensões do grupo. Ambos, esporte e jogo tradicional, caracterizam diferentes formas de inter-relacionamento e de sociabilidade, que levam o grupo a se significar entre duas memórias. A aplicação do método da “Análise de Discurso”, na vertente francesa, segundo Orlandi (1996), faz uso da linguagem enquanto fato e dos sentidos produzidos nela. Nas considerações finais ficam perguntas sobre o impacto do esporte no contexto sociocultural do grupo.

Palavras Chave

Índios brasileiros; Esporte; Jogos tradicionais.

Abstract

Field researches accomplished in the Aldeia Bodoquena, in Mato Grosso do Sul, indicate that different meanings permeate the senses of "competitiveness" and the "rivalry" among Indian Kadiwéu. In the practice of the ancestral games there was the rivalry, but the fight body-to-body solved the sorrows, would have the function of controlling the emotions. In the sport (soccer), present in the last 17 years, there is the competitiveness, and, this, doesn't balance the tensions of the group. The application of the method of the "Analysis of Discourses" according to Orlandi (1996) makes use of the language while fact and of the senses produced in her. In the final considerations they are the questions of sport impact in the social cultural context of the group.

Key-Words

Brazilian Indians; Sport; Traditional games

INTRODUÇÃO

A poderosa e extensa nação Guaicuru compreendia seis tribos: Abipón, Mocovi, Toba, Pilagá, Payaguá e os Mbayá – estes, os atuais Kadiwéu. Eram nômades, suas moradias eram transportadas segundo as necessidades de sobrevivência e de proteção aos ataques intertribais e de estrangeiros. Por intermédio do contato com os espanhóis conheceram o cavalo, no século XVI¹, e, a partir daí, a reprodução e disseminação desses animais foi muito favorecida na região em que viviam. Instalados entre as fronteiras e atuando montados, a resistência ofensiva desses índios ao processo de colonização contribuiu para a formação territorial do Brasil, no final do século XVII e início do XVIII. A partir de 1760, com a construção do Forte Coimbra, em Miranda/MS, fronteira com o Paraguai, teve início o processo de aproximação dos brasileiros. Em 1791, os Kadiwéu assinaram o “Tratado de Perpétua Paz e Amizade” com a Coroa Portuguesa e esse marco histórico alterou o estilo nômade que lhes outorgava auto-suficiência política, econômica e social (Bastos, 1979 In Siqueira Jr., 1993).

Persistentes na resistência e na hostilidade, participaram com os brasileiros na guerra do Paraguai e, com o término desta ficaram limitados territorialmente na Reserva onde vivem, localizada na Serra de

Bodoquena, com um território de 538.536 hectares, cadastrado no município de Porto Murtinho/MS. Em 1998, a Coordenação de Saúde do Índio/Fundação Nacional de Saúde/MS, estimou em 741 pessoas vivendo na Aldeia Bodoquena, estando 300 delas na faixa dos 7 aos 25 anos.

Guerreiros por excelência, têm no seu mito da criação a constituição da índole guerreira - “Go-noêno-hôdi” (personagem central da mitologia Kadiwéu) complementado pela inteligência e argúcia do “Caracará” (herói enganador, também mitológico) explicam o mundo. Após tirar várias tribos de um buraco, oferecem a um grupo a agricultura, a caça para outros, deixando os Kadiwéu de fora. O “Caracará” percebeu que os Kadiwéu estavam sendo esquecidos e, como nada sobrara, eles ficaram com a função de oprimir, guerrear e explorar os demais. Neste acordo mitológico está fundamentada a índole guerreira, significando a personalidade ideal definida pela cultura. Portanto, as relações de contato não a criaram, ela foi apenas reforçada e desenvolvida pela incorporação do cavalo e pela necessidade de impor resistência aos espanhóis invasores (Shaden, 1946; Lévi-Strauss, 1945 e Ribeiro, 1980).

¹ Os primeiros cavalos chegaram na América do Sul com os espanhóis em 1535. Dados apontam como sendo em 1543 que os índios caçadores e canoieiros do vale do Paraguai, os Guaicuru e Payaguá, os viram pela 1ª vez (Proença: “No termo de Cuiabá”, MEC, Instituto Nacional do Livro, RJ/1958 In: Souza, 1973).

Com mais de 300 anos de contato, os Kadiwéu se inter-relacionam com a sociedade envolvente em várias instâncias - defendendo legalmente suas terras, negociando e administrando recursos financeiros provenientes das parcerias com fazendeiros, comercializando cerâmicas e, entre várias outras coisas, nos últimos 17 anos praticam apaixonadamente o futebol.

MÉTODO

Esta pesquisa foi de caráter qualitativo, com aplicação do método etnográfico. A obtenção das informações se deu pela inserção periódica da pesquisadora entre os Kadiwéu, na Aldeia Bodoquena, com a devida autorização da FUNAI e com aceitação por parte da liderança interna do grupo.

O presente estudo procura mostrar os sujeitos Kadiwéu interpelados entre duas memórias, objetivando registrar os significados de rivalidade e competitividade, enquanto sentidos produzidos no discurso dos próprios sujeitos entrevistados. Para tanto, foi analisada a linguagem concebida enquanto mediadora entre o homem e a realidade natural e social.

À essa mediação é dado o nome de “discurso²”. Metodologicamente, os discursos vieram das fontes orais. Um dos entrevistados falou na língua Kadiwéu³, simultaneamente passada para o português por um outro informante-índio bilíngüe. Os demais optaram por falar na língua Portuguesa, embora fossem bilíngües. Os discursos foram selecionados e submetidos a um “dispositivo teórico⁴” - estabelecido pela “Teoria da Análise do Discurso/AD” e a um “dispositivo analítico de interpretação” - estabelecido pela pesquisadora nos campos de conhecimento da Educação Física e do Esporte e recortado pela pergunta elaborada para entender o objeto de estudo.

Na análise das informações, como é próprio da AD, os significados não foram “revelados”, como se estivessem ocultos, mas, sim, estão sendo produzidos historicamente na linguagem dos informantes, que ao se posicionarem, falam do lugar de sujeitos que (se) significam (n) aquela sociedade.

² para a AD/Análise de Discurso, o “discurso” põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história. São processos de identificação dos sujeitos, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade. Ele pode ser através da linguagem oral - como neste estudo; da dança, da escrita, da arte - em suas várias formas e expressões (Orlandi, 1999).

³ remanescentes, no Brasil, dos índios da língua Guaikuru, entre eles é falada a língua Kadiwéu, da família Guaikuru (Sândalo, 1997 In Vinha (1999)).

⁴ objetiva mediar o movimento entre a descrição e a apresentação, sustenta-se em princípios gerais da AD enquanto uma forma de conhecimento com seus conceitos e método (Orlandi, 1999:28).

JOGO, ESPORTE E EMOÇÕES

Há múltiplas explicações para se compreender o esporte. Neste estudo foi privilegiada a visão processual, elaborada a longo prazo. Através da História, pode-se dizer que o esporte moderno ainda é um objeto em constituição, estimada a partir do final do século XIX. Particularmente, o futebol - praticado a partir de 1982 entre os índios Kadiwéu, no Brasil – foi modernizado em torno de 1880, em que, de esporte amador das escolas particulares inglesas, foi, a partir de 1885, se proletarizando e profissionalizando (Gebara, 1995).

Em países europeus, o esporte foi se consubstanciando sincronicamente aos jogos tradicionais, ou ritualísticos, em um processo, denominado por Elias (1985:65), de “esportivização dos jogos tradicionais”. O autor situa esses jogos dentro de determinado período histórico, regulamentados de acordo com as tradições culturais de cada grupo praticante, variando de uma localidade a outra e, possivelmente, sendo repassados às gerações mais novas por patronos das aldeias antigas. No decorrer do tempo, algumas dessas formas tradicionais passaram a não mais atender às mudanças socio-econômicas e às expectativas das sociedades urbanas, em constantes mudanças. Outros jogos permaneceram em sua ancestralidade e estudos recentes têm retomado seu valor sociocultural e identitário de povos e sociedades.

Processualmente, o esporte moderno – reconhecido como uma técnica também ritualizada e formalizada – foi se consubstanciando com o fim de garantir e nivelar as mesmas condições aos seus praticantes, independente das tradições culturais de cada atleta. Com isso, ele se constituiu como um elemento materializador de novas ações sociais, ou seja, o refinamento dos comportamentos frente ao outro, o autocontrole dos movimentos frente aos sentimentos de agressão, a adaptação às regras comuns, a limitação a espaços definidos, entre outras (Lucena, 2000).

Enfatizando maneiras diferentes de se relacionar com fenômenos naturais e com outras pessoas, o esporte moderno pode ser caracterizado por dois componentes importantes: a) suas características “diferenciadas” – porque volta-se para uma ação mais individual, que acentua formas diferentes de ver o lúdico, com mais autocontrole e com mais regulamentos e, b) suas característica de “diferenciador” – porque envolve pessoas que se expressam por meio das atividades motoras. Tais práticas, consideradas emergentes em sociedades mais reguladas, requerem das pessoas um autocontrole emocional que se reflete em nível de ações motoras. Há um controle dos movimentos - *enquanto parte atuante de um estado de agitação de todo o organismo* - e não dos sentimentos, embora reflita no comportamento geral do praticante (idem, 44:2000).

Partindo de tais premissas, o esporte no Brasil foi um componente “culturalmente novo” inserido nas formações sociais brasileiras na segunda metade do século XIX. Enquanto elemento novo, veio carregado de significados das sociedades urbanas, nas quais a sobrevivência se fazia com acúmulo de tensões, sendo necessário o desenvolvimento de meios que compensassem o estresse originado por um constante autocontrole da vida em sociedade (Elias, 1994; Gebara, 1995 e Lucena, 2000). Portanto, este estudo passa a compreender o jogo (na sua tradição e ancestralidade) e o esporte (culturalmente novo no Brasil), como *ações que caracterizam diferentes esferas de sociabilidade e inter-relações* (Lucena, 42:2000). Os elementos teóricos acima explicitados formam o “dispositivo analítico de interpretação/AD”, mencionados no “Método”, os quais permitem proceder às análises discursivas sobre competitividade e rivalidade, entre os índios Kadiwéu.

ESPORTE - ENTRE DUAS MEMÓRIAS

Neste caso, foi selecionado o discurso do cacique geral, representante na organização interna dos Kadiwéu. O cacique geral acompanha a equipe de atletas, quando participam dos eventos esportivos externos. Atualmente com 67 anos, a discursividade do cacique foi falada do lugar de índio-cacique, do líder e ancião. Ele defende a cultura Kadiwéu, mesmo com os comentários, entre eles, de que os jovens o influenciam muito.

(...) essa gurizada só se interessa de ir e jogar, não está interessado em mostrar sistema nosso, o índio cavaleiro, negócio de jogo de peteca, alguma outra ” festa” que o índio faz. Não, só esse jogo de bola, mostrar a tradição do índio não tem.

(...) fiquei tão envergonhado quando fui em Goiânia [Jogos Indígenas/INDESP/1996], para não mostrar nenhuma ” festa” do índio Kadiwéu. No Rio de Janeiro foi a mesma coisa, todos os índios mostraram competição, dança, índio Kadiwéu não, nada, nada.

(...) esse negócio de jogo de bola vem com o branco, já vai acabando aquele sistema dos nossos costumes. Não é para acabar, tem que demonstrar para o jovem o que o passado do índio também vai acabando porque eles já têm vergonha de contar (L. R., 1998).

O sentido das “festas” parece ocupar o mesmo espaço que deveria ocupar os “jogos indígenas”, que o “envergonharam” tanto. No seu imaginário, há um discurso que reivindica os antepassados índios, que o leva a comportar-se segundo preceitos socioculturais, ou seja, mesmo acompanhando os jovens nos eventos externos, não se confunde ou sai da posição que ocupa dentro da sua cultura.

Entre os Kadiwéu, as disputas ocorriam num contexto ritualístico, vinculadas à realização das festas. Há

vários significados para as “festas”: reforçam os laços de solidariedade interna da comunidade, devido sua propriedade bastante didática para socialização e iniciação das crianças e jovens; suspendem períodos de luto; recordam as danças e músicas tradicionais numa espécie de “síntese cultural” de vários aspectos socioculturais. Os mais velhos desempenham importantes papéis, juntamente com as lideranças, quando da organização das mesmas (Siqueira Jr, 1993).

Para o índio-cacique, a bola⁵ vem do “branco” e tem se configurado como uma ameaça à continuidade da prática dos jogos tradicionais, já que os jovens mostram grande predileção pela modalidade esportiva do futebol e, na intensidade com que as praticam, aparentam querer suplantam algumas atividades lúdicas de sua própria cultura (Vinha,1999).

O futebol é bastante apreciado entre homens, mulheres e jovens de ambos os sexos, da Aldeia Bodoquena. Praticada nos últimos 17 anos, essa modalidade está se consolidando como um espaço de significados, em que emergem da memória Kadiwéu outras formas de inter-relacionamento, de antes do contato com a sociedade envolvente.

Na Aldeia Bodoquena há equipes de jovens e adultos que participam dos torneios internos e de eventos esportivos organizados pelos órgãos públicos. Além disso, a prática esportiva é oferecida de forma lúdica aos alunos, em gincanas comemorativas de datas nacionais realizadas pela Escola⁶ e aos domingos, quando os eventos são quase que obrigatórios, havendo frequência de grande parte da comunidade, atenta aos treinos ou torneios internos (Vinha,1999).

Toda essa movimentação dos Kadiwéu em torno do esporte, tem relação, entre outros fatores, com o “Indígenas” - esse tema é notadamente recente, carecendo ainda de estudos e análises mais elucidativos, principalmente pelo respeito à riqueza cultural dos índios brasileiros.

Um outro informante, o “filho querido⁷” D.S., atualmente com 90 anos, tem assistido de sua casa, sentado sob a mangueira, o desenrolar das atividades esportivas de futebol. A memória indígena interiorizada nele se defronta com as novas ações deliberadas pelo esporte. Ali, ele rememora uma das formas de se inter-

⁵ em um levantamento dos jogos tradicionais do grupo, apenas um jogo com bola foi encontrado (Vinha,1999).

⁶ até 1999 a Escola oferecia de 1ª a 4ª série e pré-escola. A comunidade vem travando uma luta persistente, nos últimos 5 anos, na implantação das demais séries, para que seus filhos não tenham que ir morar na cidade ainda muito jovens.

⁷ pessoa escolhida desde a infância para ser a memória histórica e sociocultural do grupo, recebia educação e atenção especiais.

relacionar durante os jogos tradicionais - praticados pelos antepassados, em um período anterior à sua fase de infância.

(...) era feita uma bola de caraguatá, tiravam uns fiapos e faziam aquela bola, faziam dois times para disputar. Era “esporte” muito violento, era “esporte sem respeito”. Nesse esporte, era feito um taco e, nesse taco, era feito um cesto e você batia aquela bola.

O alvo era acertar a bola, não precisava fazer gol, fazer cesta, alguma coisa disso. Não importava onde a bola fosse, tinha que ir junto, se pegasse em vasilhas, se a bola batesse na cerâmica, aqueles “praticadores” do esporte batiam na cerâmica, derrubavam tudo que estivesse na frente. Também não queriam saber se pegou na canela de outro, se pegou no nariz e quando havia uma certa briga, durante esse esporte, eles deixavam dos bastões e lutavam. Lutavam com quem viesse na frente, já entrava na diferença e fazia essa luta toda (D.S., fonte oral, 1998).

Nos jogos do passado, o espaço de jogo era ilimitado e quando chegavam ao ponto máximo de desentendimentos, partiam para a luta⁸, com golpes físicos desferidos em qualquer parte do corpo. Nos dias atuais, a prática esportiva se configura de uma nova maneira - explicada por um outro informante-índio, jovem-adulto, que se coloca e fala do lugar de atleta, entre duas memórias.

No futebol já existe aquele desejo de ser campeão, de ser o melhor, e acontece a rivalidade. Dentro do “esporte”⁹, das brincadeiras do Kadiwéu, no passado, não acontecia isso. Até mesmo, por trás disso existia a luta, porque quando houvesse alguém com raiva de alguém, eles entravam nessas lutas e com isso terminavam (H.S, fonte oral, 1998).

A prática esportiva leva os Kadiwéu a se depararem com uma condição sempre renovada - o sentimento de rivalidade junto ao desejo de ser campeão. A luta corpo-a-corpo, atuando como uma medida cultural, protetora contra as mágoas e ressentimentos, não acontece mais. Por sua vez, a prática do futebol tem mecanismos de controle das emoções no ato das ações motoras denominadas “faltas” - o apito, os cartões, os juízes, impedem os avanços sobre o corpo do outro, limitam o espaço de jogo, mas, não solucionam ou equilibram internamente as tensões do grupo, porque as rivalidades continuam presentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre duas memórias, a prática esportiva dos Kadiwéu têm indicado o estabelecimento de novas formas de inter-relações e de sociabilidade.

Os contatos externos - com diferentes equipes, com organizadores de eventos esportivos municipais, estaduais e nacionais - têm favorecido a inserção de ações construídas em sociedades urbanas mais reguladas, nas quais o esporte tem se configurado como um elemento de re-equilíbrio do controle social das emoções.

⁸ registros deixados por missionários afirmam que os mais velhos interviam na luta, encerrando-a como forma de impor limites.

⁹ o termo esporte neste caso se refere ao “jogo tradicional”. Maiores explicações sobre a dualidade no uso dos termos jogo e esporte estão em Vinha (1999).

Internamente, a discursividade dos informantes corrobora a existência de uma tensão interna, abrindo espaço para estudos posteriores.

FONTES ORAIS

Os nomes dos informantes, convencionalmente, estão com as iniciais. Maiores informações podem ser encontradas em Vinha, 1999.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Tradução de Maria Manoela Almeida e Silva. DIFEL / Lisboa, 1992.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Tradução de Vera Ribeiro. Jorge Zahar Editor/RJ/1994.

LUCENA, Ricardo. *O Esporte na Cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: princípios de procedimentos*. Pontes/Campinas/SP.1999.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte Espetáculo e futebol Empresa*. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SANDALO, Filomena. *A Grammar of Kadiwéu – with special reference to the Polysynthesis Parameter*. MIT Occasional Papers in Linguistics, Number 11, Cambridge, MA 02139, 1997.

VINHA, Marina. *Memórias do Guerreiro, Sonhos de Atleta: jogos tradicionais e esporte entre jovens Kadiwéu*. Dissertação(Mestrado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

Marina Vinha
Universidade Católica Dom Bosco/MS
Faculdade de Educação Física/UNICAMP

Referência do artigo:

ABNT

VINHA, M. Índios Kadiwéu: Rivalidade E Competitividade, Diferentes Sentidos Entre Duas Memórias. *Conexões*, v.0, n. 4, p. 67-75, 2000.

APA

Vinha, M. (2000). Índios Kadiwéu: Rivalidade E Competitividade, Diferentes Sentidos Entre Duas Memórias. *Conexões*, 0(4), 67-75.

VANCOUVER

Vinha M. Índios Kadiwéu: Rivalidade E Competitividade, Diferentes Sentidos Entre Duas Memórias. *Conexões*, 2000; 0(4): 67-75.